

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, TEXTUAL DEEPFAKE E OS DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL

Elaine Ferreira Vidal¹
Diana de Azevedo Braga da Cruz²
Eliane Ferreira Vidal³
Diógenes José Gusmão Coutinho⁴

RESUMO: O presente artigo discute os impactos do uso da inteligência artificial (IA) no ensino de História, com foco nos desafios à construção do pensamento crítico e da autoria textual entre estudantes. A pesquisa buscou analisar as narrativas textuais de estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública de um município do Estado do Rio de Janeiro. O estudo consiste em uma abordagem qualitativa, em que 71 alunos do 8º e 9º anos de escolaridade, após a participação de uma sequência didática realizada através das aulas da disciplina de História, foram convidados a produzir um texto sobre a história local do município onde vivem. A análise dos dados foi realizada através da observação direta e de ferramentas de detecção de uso de IA. Os resultados apontam que 66,6% dos textos apresentam conteúdo gerado por IA, enquanto apenas 33,3% foram produzidos de forma autoral pelos estudantes. A partir da constatação, o conceito de *textual deepfake*, que se refere aos textos produzidos pelas máquinas, e que aparentemente são autênticos, não demonstram reflexão crítica. Diante dos resultados, concluímos que o uso da IA como ferramenta pedagógica nas aulas de História, precisa ser acompanhada de intencionalidade com ações de letramento digital que contribuam para o desenvolvimento do potencial autoria e pensamento crítico dos estudantes.

4432

Palavras-chave: Inteligência Artificial (IA). Textual Deepfake. Ensino de História.

ABSTRACT: This article discusses the impacts of the use of artificial intelligence (AI) in History teaching, focusing on the challenges related to the development of critical thinking and textual authorship among students. The research aimed to analyze the textual narratives of students in the final years of elementary school at a public school in a municipality in the State of Rio de Janeiro. The study follows a qualitative approach, in which 71 students from the 8th and 9th grades, after participating in a didactic sequence carried out during History classes, were invited to write a text about the local history of the municipality where they live. Data analysis was conducted through direct observation and the use of AI detection tools. The results show that 66.6% of the texts contain AI-generated content, while only 33.3% were produced independently by the students. Based on this finding, the concept of textual deepfake is addressed, referring to texts produced by machines that appear to be authentic but do not demonstrate critical reflection. In light of the results, we conclude that the use of AI as a pedagogical tool in History classes must be accompanied by intentional strategies and digital literacy actions that contribute to the development of students' authorship and critical thinking skills.

Keywords: Artificial Intelligence. Textual Deepfake. History Teaching.

¹Doutoranda em Ciências da Educação pela Christian Business School (CBS).

²Graduada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

³Graduada em Formação Pedagógica em Informática pela UNIASSELVI.

⁴Professor Orientador Doutor em Ciências da Educação da Christian Business School (CBS).

INTRODUÇÃO

O avanço das inteligências artificiais (IA) tem afetado o cotidiano das pessoas em quase todas as áreas da sociedade moderna. A promessa de disseminação rápida, eficiente e acessível de notícias, divulgação e até mesmo conhecimento acadêmico são extremamente atraentes. Entretanto, junto ao crescimento acelerado e desregulado da tecnologia surgem algumas vertentes preocupantes. Dentre elas, destacamos os fenômenos denominados *fake news* e *deepfakes*.

A prática de compartilhar *fake News* - em sua tradução direta, notícias falsas - já acontece há algum tempo e ganhou mais força com a popularização do uso de IA's. São notícias que afirmam coisas falsas usando supostas fontes confiáveis, que atribuem uma suposta credibilidade a elas. Em 2017 o dicionário Collins elegeu *fake news* como a expressão do ano, e a definiu como *informações falsas que são disseminadas em forma de notícias, muitas vezes de maneira sensacionalista* (HERMINIO, 2022).

O outro fenômeno mencionado e o que nos interessa para este estudo, é mais recente e mais preocupante, as *deepfakes*. As *deepfakes* são vídeos, imagens e vozes geradas por meio de programas de inteligência artificial (BATISTA e SANTAELLA, 2024). Esses conteúdos podem ir desde vídeos de gatinhos lavando roupas até vídeos de políticos dizendo coisas que nunca foram realmente ditas. E como a sociedade atual está profundamente adepta a cultura da “pós-verdade”, onde as crenças pessoais são priorizadas a veracidade (SILVA, et. al. 2024), as *deepfakes* tem um teor de periculosidade ainda maior.

Nesse contexto, o uso de IA tem impactado diretamente a educação. No ambiente escolar, os alunos estão fazendo uso dessa tecnologia de forma indiscriminada e sem cuidado. Seja no uso de ferramentas como o *ChatGPT* para pesquisar respostas de trabalhos e provas, seja na criação e compartilhamento de *deepfakes*. Essa situação, somada a uma geração imediatista que é bombardeada com informações a cada fração de segundos, está impactando negativamente no processo de aprendizado dos jovens.

O uso displicente dessas ferramentas, está resultando em alunos que terceirizam o seu aprendizado se tornando dependentes delas para fazer seus trabalhos escolares e até mesmo formar opiniões, aumentando o risco de se tornarem adultos sem senso crítico ou individualidade. No campo do ensino de História essa realidade se torna cada vez mais evidente quando os alunos não têm interesse em formular pensamentos críticos sobre os fatos apresentados, e tendo em vista que o pensamento crítico é fundamental para o

aprendizado da disciplina, o problema se torna cada vez mais urgente. Esta realidade abre espaço às construções textuais denominadas *textual deepfake* ou *textual forgery*. A *textual deepfake* surge da evolução do significado da *deepfake* e representa a aplicação do uso da IA para produção de textos que simulam a escrita de pessoas, gerando assim falsos artigos; declarações e discursos que identificam pessoas reais como autoras, mas que não escreveram sobre determinado assunto; além de colaborar para a construção de narrativas históricas que apesar de possuir uma aparência autêntica, são fabricadas e por isso não representam o retrato da realidade.

Por esse motivo, o estudo propõe apresentar o reflexo do uso descuidado dessas ferramentas no processo de ensino e de aprendizagem, com foco na disciplina de história. Objetivamos evidenciar como o uso vicioso dos *chatbots* está afetando a individualidade e autonomia dos estudantes do ensino fundamental na construção de narrativas históricas da sua própria realidade local. Além disso, propomos uma breve reflexão sobre como a falta do letramento digital, tanto dos alunos como dos professores, podem afastar o uso da IA do propósito educativo que envolve o desenvolvimento da autonomia e emancipação do sujeito.

MÉTODOS

4434

Para entender melhor como o uso das IA's está afetando o modo de aprendizagem das crianças e adolescentes foi levado para sala de aula uma atividade simples, que consiste em produzir um texto sobre história local. A atividade foi proposta para duas turmas dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de um município do Estado do Rio de Janeiro, 8º e 9º anos de escolaridade, respectivamente.

Após uma semana de ação pedagógica realizada nas turmas, na disciplina de história, sobre o aniversário do município, foi solicitado aos estudantes que escrevessem um pequeno texto sobre o município em que viviam. Participaram da atividade 71 alunos, sendo 38 alunos do 8º ano de escolaridade e 33 do 9º ano de escolaridade. Eles foram divididos em grupos de 3 ou 4 integrantes, o que resultou na distribuição da tarefa para o total de 14 grupos. Os alunos, já divididos em grupo, estavam livres para escrever sobre a história, uma memória pessoal, curiosidades ou qualquer tema que envolvesse o município. Foi estabelecido que o texto deveria ter 4 parágrafos e que eles poderiam consultar fontes de pesquisas e conversar entre si para definir o padrão de escrita. O uso de smartphones foi permitido para fins pedagógicos, como previsto na Lei nº15100/25.

Para análise dos dados, buscamos observar o grau de autonomia que os estudantes apresentam na produção de texto, a articulação dos conhecimentos prévios que possuem sobre o tema e a possível influência de uso de IA no processo de produção escrita. Como a atividade foi realizada durante a aula da disciplina de história, a observação direta do comportamento dos alunos foi o instrumento metodológico utilizado. Após a análise dos textos produzidos, houve devolutiva aos alunos com feedback para fins pedagógicos.

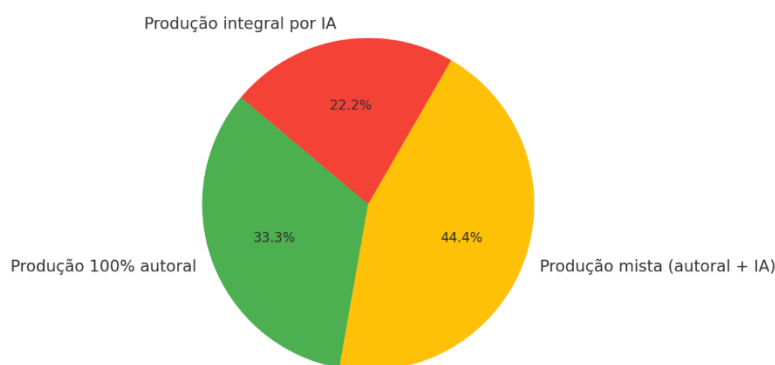
A natureza da abordagem está inserida no contexto da pesquisa qualitativa, com foco na análise descritiva e interpretativas das produções. De acordo com Rodrigues, Oliveira e Santos (2021), a pesquisa qualitativa atribui significado aos processos de interação e valoriza a experiência do sujeito. A partir dessa premissa, consideramos a articulação dos elementos subjetivos observados em sala de aula com a análise digital realizada para testagem da produção autônoma dos alunos.

RESULTADOS

A triangulação entre a observação realizada em sala de aula, uso de ferramentas de detecção de IA e análise qualitativa dos textos produzidos pelos alunos, possibilitou a compreensão sobre a utilização ou dependência dos estudantes para produzir texto. Os textos foram analisados pelo site *QuillBot*, um site que promete identificar quantos por cento do texto foi escrito por inteligência artificial. É importante ressaltar que sites desse tipo podem apontar falso positivo, porém, entre os sites testados, o *QuillBot* foi o que menos apresentou erros durante os testes. Através dos resultados das análises obtivemos os seguintes dados, conforme observado no gráfico abaixo:

4435

Classificação das Produções Textuais quanto ao Uso de IA



FONTE: Cruz, Diana de Azevedo Braga da, 2024.

Os resultados apontam que apenas 33,3% das produções demonstram pensamento autoral, não sendo detectado uso de ferramentas de IA para a construção do texto. Por outro lado, identificamos que 44,4% da escrita misturou produção de autoria dos alunos e utilização de IA para compor o texto. Somados aos 22,2% que fizeram uso integral de IA, 66,6% dos grupos apresentaram produções de textos passíveis de erro em relação às informações de sua história local. O que representa um alerta para a utilização da IA no ensino de história, uma vez que sem utilização do conhecimento prévio que possuem de sua própria história local, as produções podem representar uma *textual deepfakes* e contribuir negativamente para o processo de aprendizagem dos estudantes.

DISCUSSÃO

Através da análise interpretativa dos resultados, identificamos que a maioria dos alunos apresentou necessidade de consultar ou utilizar ferramentas de IA para construir seus textos. Essa constatação nos leva a direcionar atenção para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e da capacidade crítica que apresentam frente aos saberes históricos locais. Apesar de poderem utilizar seus conhecimentos prévios para escrever seus textos, 66,6% dos grupos optaram por recorrer a IA.

4436

Mesmo as produções que produções que misturam em que há material autoral e material gerado por IA, identificamos fragilidades na apropriação dos conhecimentos sobre a história local, apesar dos alunos terem vivenciado o trabalho previamente realizado na disciplina de história em que as aulas versaram sobre o tema com apresentação de conteúdo, promoção de debate e explicação dos contextos históricos da cidade.

Apenas 1 em cada 3 grupos apresentou uma escrita totalmente autoral. Este resultado aponta para a importância em realizar intervenções pedagógicas voltadas para o processo de letramento digital. Os estudantes precisam de orientação sobre a necessidade de empregar criticidade nas pesquisas realizadas através da internet, sobretudo em relação ao uso de ferramentas de IA.

Apesar do tema ser sobre a história local de um município que somam 460 anos e possui muitos fatos históricos que dariam condições de ampliar o repertório de escrita dos estudantes, a falta de originalidade nos temas das produções de texto foi uma evidência encontrada. Grande parte dos textos possuíam o mesmo formato e informações, trazendo

pouco sobre os debates que foram levantados em sala de aula, durante a semana de aniversário da cidade.

Outro ponto observado foi a falta de pensamento crítico dentro dos textos. Poucos foram os textos que apontaram algum problema ou carência vivida pelos moradores da cidade. Essas duas características são muito presentes em textos criados por inteligência artificial, ela não irá pensar criticamente sobre nenhum assunto a não ser que seja pedida. A homogeneidade de pensamentos e a passividade são grandes inimigos do ensino de história, visto que um dos principais objetivos do ensino de história é justamente desenvolver o senso crítico (DELGADO e FERREIRA, 2013). A facilidade de acesso rápido e indiscriminado a qualquer tema tem criado pessoas cada vez menos criteriosas e mais suscetíveis a falsas verdades.

O uso do *ChatGPT*, entre outras IAs na escrita de algo relativamente simples, é também o reflexo de uma sociedade imediatista, que se acostumou a encontrar todas as respostas com somente um clique. *Siri*, *Gemini*, *Cortana*, *Grok*, muitos são os nomes dos assistentes virtuais embutidos nos aparelhos de celular e aplicativos, mas todos eles partem do mesmo princípio: agilizar a vida humana. Assistentes pessoais que auxiliam a descobrir músicas ou receitas, podem mandar mensagens e marcar eventos em calendários. Com a facilidade de receber a resposta completa de uma só vez, é desinteressante procurar outras fontes e comparar informações se torna dispensável. A fonte de onde a notícia, matéria ou texto foi retirada se torna indiferente, poucas vezes consultado para saber se realmente é isso que se tem a dizer.

4437

E como isso tem afetado o ensino de História nas escolas? Em primeiro lugar, tem se tornado mais difícil cativar a atenção dos alunos, pois os mesmos já estão acostumados a obter todas as respostas prontas, terceirizando assim a própria educação. Há também a necessidade do professor se tornar o intermediário entre a máquina, o aluno e o conhecimento. Já que o mundo está lidando com uma geração tecnológica e é impossível impedir que eles recorram a tecnologia, cabe ao professor agir como mediador incentivando o pensamento crítico e instigando os questionamentos. Ao invés de demonizar as IA's, o professor de História deve incentivar nos estudantes o espírito de investigação, fazendo-os questionar narrativas e discursos, principalmente durante a época das *deepfakes* e da pós-verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da inteligência artificial em sala ainda apresenta muitas dificuldades e desafios, principalmente para o ensino de história. O uso descuidado dessas ferramentas pode resultar em busca de recursos fáceis e sem compromisso com a verdade associada ao processo de aprendizagem. Como resultado, surgem o desinteresse do estudante e a falta de senso crítico, pois diante da facilidade de acesso a informações, mesmo que duvidosas, passam a acreditar que tudo que lhes é dito é verdade, sem questionar ou averiguar a veracidade das fontes.

Entretanto, não é momento de criar pânico sobre o assunto, já que lutar contra a tecnologia em uma era digital é se colocar contra ao desenvolvimento da sociedade na contemporaneidade. Precisamos aprender a trabalhar com as tecnologias digitais, para tornar sua utilização uma ferramenta dotada de propósito educativo a serviço da emancipação e construção do pensamento crítico. Neste contexto, é fundamental que tanto educadores quanto estudantes aprimorem suas habilidades em letramento digital. Isso envolve não só aprender a usar essas tecnologias, mas principalmente, entender os perigos que circulam no ambiente virtual e como ter a capacidade de conseguir identificar esses perigos, questionando a veracidade das fontes, analisando discursos e identificando possíveis manipulações, como *fakenews*, *deepfakes* e *textual deepfakes*.

4438

Assim, a educação, em particular o ensino da História, deve se afirmar como um espaço de resistência contra o pensamento automático e superficial, promovendo a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a formação de cidadãos que atuem de maneira ética e consciente na sociedade digital. Para tanto, é fundamental que as práticas pedagógicas realizadas nas escolas tenham como fundamento o emprego de ações que sustentem o pensamento crítico, a ampliação da autonomia e o letramento digital dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tiago de.; GOBBI, Maria Cristina. **O algoritmo como arquivista: curadoria algorítmica, apagamentos estruturais e a luta pela memória coletiva no século XXI**. *Memorare*, v. 12, n. 1, 2025. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/27026. Acesso em: 13/06/2025

BATISTA, Anderson; SANTAELLA, Lucia. Prognósticos das deepfakes na política eleitoral. *Organicom*. 21. 187-196. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/381149857_Prognosticos_das_deepfakes_na_politica_eleitoralPrognostics_of_deepfakes_in_electoral_politicsPronosticos_del_ultrafalso_en_la

_politica_electoral. Acesso em 5/06/2025. BRASIL. Lei n. 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 jan. 2025.

CRIVELLARO, Renan Elvis, et al. **Ensino de Filosofia na Educação Básica: desafios e possibilidades**. Estudos Multidisciplinares em Educação: tensões e desafios - Volume 4, p. 147-157, 2024. Disponível em <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-742-2.pdf>. Acesso em 15/06/2025.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Ferreira, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>. Acesso em: 13/05/2025.

KAEFER, Juliane. **Inteligência artificial e desinformação: um estudo a partir da perspectiva da educação em informação**. Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/288495>. Acesso em: 15/05/2025.

FERNANDES, Allysson Barbosa *et al.* **A ética no uso de inteligência artificial na educação: implicações para professores e estudantes**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 346-361, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.13056. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13056>. Acesso em: 13/06/2025.

FERREIRA, César Augusto Alves; DE BARROS, Patrícia Marcondes. **Inteligência artificial e ensino de história alcances e desafios na era da cultura digital**. Dito Efeito-Revista de Comunicação da UTFPR, 2024, 15.26 26-37. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/de/article/view/18973>. Acesso em: 15/06/2025.

4439

HERMINIO, Beatriz. **Fake news: origem, usos atuais e regulamentação**. Instituto de estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/noticias/fake-news-origem-usos-atuais-e-regulamentacao>. Acesso em: 15/06/2025.

PARREIRA, Artur; LEHMANN, Lúcia; OLIVEIRA, Mariana. **O desafio das tecnologias de inteligência artificial na Educação: percepção e avaliação dos professores**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 29, n. 113, p. 975-999, dez. 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/nM9Rk8swvtDvwWNrKCZtjGn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15/06/2025.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria. OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. SANTOS, Josely Alves dos. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação**. Revista Prisma, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/doise/Downloads/49-Texto%20do%20artigo-151-1-10-20211225.pdf>. Acesso em: 13/06/2025.

SANCIO, Renan Bolonha. **Tecnologias digitais e ensino de história no ensino fundamental ii**. Dissertação (mestrado)—Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação

em Ensino de Humanidades, Vitória, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ifes.edu.br/acervo/227864>. Acesso em: 15/06/2025.

SILVA, Jônatas Edison da; DIAS, Thiago Magela Rodrigues; MURIEL-TORRADO, Enrique. **A produção científica sobre pós-verdade, desinformação e fake news: análise dos documentos publicados nos encontros nacionais de pesquisa em ciência da informação (1994-2022)**. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 29, p. e48367, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/48367>. Acesso em: 13/06/2025.

NAFFI, Nadia, *et al.* **Capacitando os jovens para combater deepfakes maliciosos e desinformação: uma experiência de aprendizagem experiencial e reflexiva informada pela teoria da construção pessoal**, Journal of Constructivist Psychology, 38(1), pp. 119-140, 2023. doi: 10.1080/10720537.2023.2294314. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/10720537.2023.2294314?needAccess=true>. Acesso em 15/06/2025.

VAINZOF, Rony. **Para além da demonização do 'deepfake'**. FECOMERCIO SP, 2024. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/para-alem-da-demonizacao-do-deepfake>. Acesso em: 15/06/2025.